

balletteatro

**RE
VO
LU
ÇÕ
ES**

de
Né Barros
com
Haarvöl e
Digitópia

PROJECTO ARTÍSTICO COMPOSTO POR TRÊS MOMENTOS COM
A PARTICIPAÇÃO DO COLETIVO HAARVÖL E DO SEU *THE R PROJECT*:

1. SOMETHING'S MISSING (UTOPIAN)

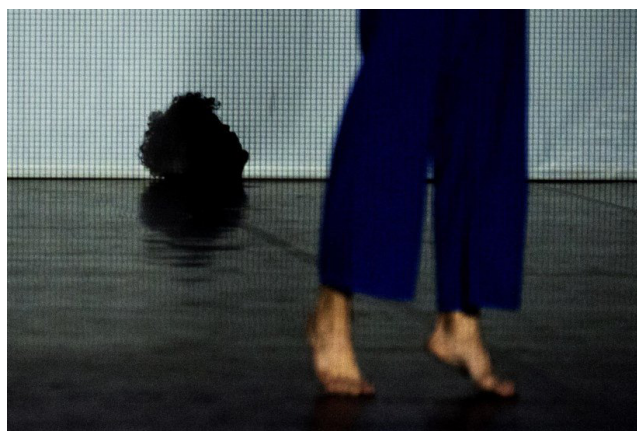
SOM NO FOYER (ANTES DO ESPETÁCULO)

2. PULSATING WAVES (REALITY)

INTERVENÇÃO NO ESPETÁCULO

3. DON'T LOOK BACK, RUN (TRAUMA)

SOM NO FOYER (FINAL DO ESPETÁCULO)



© PAULO PIMENTA // PÚBLICO

FICHA TÉCNICA

DIRECÇÃO E COREOGRAFIA **NÉ BARROS**

INSTALAÇÃO SONORA E VÍDEO **HAARVÖL**

MÚSICA **WORTEN DIGITÓPIA**

COM TEMAS ORIGINAIS E EXECUÇÃO DE OBRAS DE PARMEGIANI (POP ECLETIC), STOCKHAUSEN (STUDIE II), CAGE (SONATAS 1,2,3,5 PARA PIANO PREPARADO) E REICH (PENDULUM)

DIRECÇÃO MUSICAL **JOSÉ ALBERTO GOMES**

PIANO **DUARTE CARDOSO**

DESENHO DE LUZ **JOSÉ ÁLVARO CORREIA**

INTÉRPRETES **DEEIGO OLIVEIRA, ELISABETE MAGALHÃES, FRANCESCA PERRUCCI, JOSÉ MEIRELES, JÚLIO CERDEIRA, SÓNIA CUNHA**

FIGURINOS **NÉ BARROS E MANUEL CASIMIRO**

PRODUÇÃO **LUCINDA GOMES**

COPRODUÇÃO **RIVOLI TEATRO MUNICIPAL, BALLETEATRO**

COMUNICAÇÃO **SANDRA MESQUITA**

FOTOGRAFIA **PEDRO FIGUEIREDO**

DESIGN **TELMO SÁ - ESTÚDIO ÁS**

DURAÇÃO APROXIMADA **60 MIN**

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA **M/ 12 ANOS**

O ESPETÁCULO INSERE-SE NO PROGRAMA DE ATIVIDADES
DE INVESTIGAÇÃO DO GRUPO DE ESTÉTICA, POLÍTICA E CONHECIMENTO
DO **INSTITUTO DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO**.

APOIO À RESIDÊNCIA ARTÍSTICA *23 MILHAS* (ÍLHAVO)

ESTREIA: 16 E 17 NOV 2018 - TEATRO RIVOLI, PORTO

ITINERÂNCIA: 23 NOV 2018 - 23 MILHAS, ÍLHAVO,

22 FEV 2019 - THEATRO CIRCO, BRAGA,

18 ABR 2019 - CONVENTO SÃO FRANCISCO, COIMBRA.



REVOLUÇÕES

NÉ BARROS

Todas as razões para fazermos uma revolução estão aí. Não falta nenhuma. O naufrágio da política, a arrogância dos poderosos, o reinado do falso, a vulgaridade dos ricos, os cataclismos da indústria, a miséria galopante, a exploração, o apocalipse ecológico... de nada estamos privados, nem sequer de estar informados de tudo isto...Todas as razões estão reunidas, contudo, não são as razões que fazem as revoluções; são os corpos. E os corpos estão diante dos écrans.

COMITÉ INVISIBLE

Como uma reverberação, as revoluções circulam neste espetáculo feito de camadas de memórias e de evocações artísticas e sociais. Revoluções da dança, da música, sociais e políticas vão despontando ao longo do espetáculo não aprisionadas numa cronologia histórica, mas em livres cruzamentos e justaposições temporais e temáticos. Alguns movimentos de vanguarda ou de gestos icônicos são convocados neste espetáculo, composto numa longa sequência como uma espécie de imagem cinematográfica onde *corpo* é protagonista, afinal motor de todas as revoluções como nos lembra os Comitê Invisible. Neste andamento de evocações de mudança íntima e coletiva, o trabalho evolui de uma utopia (corpos movem-se em direção ao lugar onde tudo é possível, o placo) ao trauma (o retorno ao corpo através da nudez), que caracteriza muitas vezes o pré o pós-revolução. É também deste modo que a intervenção dos Haarrvöl se caracteriza: primeiro momento, antecâmara do espetáculo, o som que se propaga no pré-espetáculo; um segundo momento, a realidade e a pragmática da ação durante o espetáculo; um terceiro momento, o pós-espetáculo, a mesma instalação sonora, mas a música, agora, difere, evoca-se a fuga e o trauma.

Para o espetáculo, a chamada vem do palco, bailarinos são chamados ao palco, lugar de revolução permanente. Ali, transformam-se em operários e no final recuperam o seu estado primordial enquanto corpos nus. Os corpos nus que no final se deslocam

hesitantes em contraste com a inevitabilidade e o rigor de um pêndulo (Steve Reich). As revoluções circulam no espetáculo através de referências mais ou menos explícitas e, no que se refere à dança, é possível revisitar um minimalismo, um expressionismo, pós-modernismo, assim como, uma mesma cena convocar Fuller, Graham, Cunningham, Childs, Brown, ou fazer conviver movimentos de proveniências diversas como o ballet ou danças urbanas. O grande movimento do todo é sempre uma visão singular e poética onde o público de forma aberta pode remapear revoluções.

Nesta macro circulação no espetáculo que vai do lugar das ausências, do que falta, que é o palco, ao lugar das multitudes, que são os corpos em movimento, está uma seleção musical trabalhada conjuntamente com a Digitópia. Da evocação de Eno a Reich, passando por Stockhausen, Parmegiani e Cage, a música vai reforçando uma dramaturgia de cruzamento e de deslocação, onde o sonho e o rumor tenham lugar. O papel revolucionário dos compositores selecionados projeta-se sobretudo na música eletrônica. Do estúdio de música eletrônica WDR em colônia, pioneiro no gênero, está Stockhausen de quem usamos a peça *Studie II*. Do ponto de vista estético, este estúdio esteve sempre mais ligado aos movimentos da música erudita (como por exemplo a música atonal, formal e serial). Stockhausen que juntamente com Eimert, são duas figuras incontornáveis do movimento da música eletrônica.



Ainda da música eletrônica, mas em particular na sua união às artes plásticas trabalhamos com outros compositores e sobre a sua estética de *Sound Art*. Muitas das obras de autores de referência deste movimento, tratavam-se de instalações sonoras enquanto composições para sistemas ou espaços específicos onde o uso do som e sistemas sonoros se inseriam na lógica da arte conceptual (expressão artística que valoriza mais a ideia por detrás da obra do que o produto em si). Eno com a sua *Ambient Music* onde se trabalham vários níveis de acomodação de atenção auditiva que, segundo ele, deve ser tão ignorável como interessante. Cage, que entre os anos 46 e 48 compõe as Sonatas e Interlúdios, é um pioneiro da música aleatória e eletroacústica. Reich, como se sabe um dos mais importantes compositores da música minimalista, reforça com a peça *Pendulum* a sua ligação às artes plásticas e à instalação sonora e mesmo à performance. Do mesmo ano, 1968, de *Pendulum*, Parmigiani que, curiosamente, estudou mimo com Jacques Lecoq, apresenta-nos *Pop Eclectic*, uma colagem muito rica e expressiva do que na altura começa a interessar aos artistas, trazer o mundo para a cena em vez de impor a cena ao mundo, algo que muito se aproxima do que se convencionou chamar dança pós-moderna e na fileira do movimento judsoniano. Parmigiani é conhecido pela sua música eletrônica e acusmática e sua respetiva influência e tal como Nono, recorria às colagens na sua prática musical. Num ano em que se comemoram 50 anos do maio de 68, parece oportuno o momento para pensar sobre esta e outras revoluções. Interessa-nos essa manifestação popular que se tornou étnica, cultural, geracional e social, de barreiras sociais, mas sobretudo o que leva às revoluções o que as faz mover. O que é uma revolução? Quais as revoluções pelas quais estamos à espera?



Na sua escalada, se as revoluções produzem um efeito de expansão que pode ter proporções gigantescas, também podem também tratar-se de mudanças profundas e íntimas, mudanças invisíveis, podem produzir desilusões ou traumas, podem ser aberturas como fechamentos, podem ir da utopia às distopias.

Efetivamente, como Debord nota pode-se dizer da revolução a mesma coisa que Jomini terá dito sobre a guerra, ou seja, que “não é uma ciência positiva e dogmática, mas uma arte sobreposta a alguns princípios gerais e, ainda mais, um drama apaixonado”. Com o seu modo particularmente lúcido, Debord também se questiona sobre quais são as nossas paixões e aonde nos conduziram. Como uma farpa, diz que para ele não existe nem retorno nem reconciliação e que “A sabedoria jamais chegará.”

Mais ou menos radical, enquanto movimento de mudança as revoluções são atos que fraturam e rompem de forma que já nada será como dantes. As artes estão recheadas de desejos e de ações de mudança de curso, de desvios e de imprevisibilidades que, neste projeto, funcionam também como meta-discursos. As nossas *Revoluções* procedem pela coexistência de diversas camadas, de acumulações ou de citações, mas também guiadas por enigmas por impulsos e incertezas. Segundo Marcuse, a Arte é revolucionária, mas não no sentido de uma arte de propaganda ou de relação direta com uma realidade social ou política. A arte é revolucionária porque transporta verdades trans-históricas e nesta autonomia com as relações sociais, a arte rompe com consciência dominante e revoluciona a experiência.

Para este projeto, de cruzamento disciplinar entre coreografia, instalação, imagem e música, a dramaturgia não se programou como um drama apaixonado, mas como um dispositivo de distância que nos permita viver as revoluções nas suas multiplicidades históricas e imaginárias.

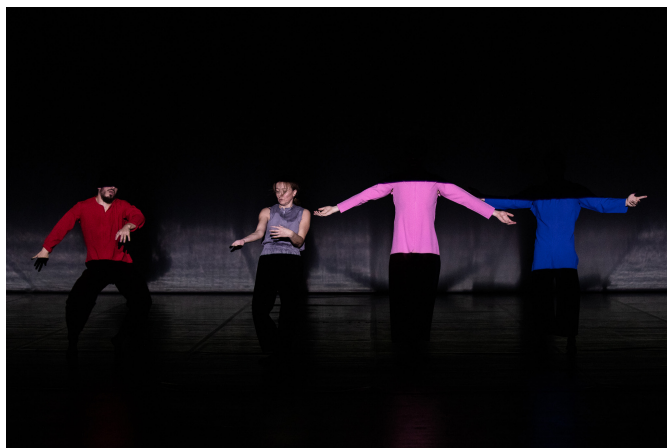
DIGITÓPIA CASA DA MÚSICA

A música, com o seu duplo papel de produto cultural e de fator de mudança, é, simultaneamente, consequência e causa da transformação. Ao longo de toda a história da música, desde a antiguidade clássica até aos nossos dias, ela tem servido como uma representação cristalizada das várias dimensões da revolução (a estética, a política, o público, o paradigma e a técnica, todas elas interdependentes), e, ao mesmo tempo, como uma chamada para a ação.

Ao escolher as obras ou princípios estéticos que fariam parte da peça *Revoluções*, e havendo uma grande lista de possibilidades que decorre da coincidência histórica do surgimento da música eletrônica num período (o pós-guerra) de grandes mudanças sociais, as nossas opções, para além de servirem um princípio dramático da coreógrafa Né Barros, foram orientadas por duas linhas, também elas representando duas importantes revoluções: a emancipação do timbre e a revolução tecnológica.

A primeira peça que ouviremos, *Space is only noise*, é inspirada pelos princípios generativos da música, e pela estética da música ambiente, onde o timbre e a cor são essenciais. No *Studie II*, de K. Stockhausen, uns dos pioneiros da música eletrônica, podemos ouvir os princípios técnicos e formais, desenvolvidos no Estúdio de Colónia, que viriam a servir de pedra basilar para o futuro, influenciando muitos dos compositores que se seguiram.

Em *Pop Eclectic*, de B. Parmegiani, o sampling, a produção, e a montagem são utilizados como elementos primários de composição, abrindo, ainda nos anos 60, um caminho que hoje em dia se tornou comum e generalizado, presente em estilos tão diferentes como o Hip-Hop e o Pop-Rock. Com as *Sonatas* de John Cage, com evidentes ligações à dança, iremos assistir a uma nova abordagem à composição, que representa uma libertação conceptual de muitos dos princípios que o antecederam e, finalmente, com a *Pendulum Music* de S. Reich, teremos uma ligação mais estreita às artes plásticas e ao gesto, resultando numa arte sonora mais centrada na parte conceptual e menos nos elementos discursivos.



HAARVÖL - THE R PROJECT

1. SOMETHING'S MISSING (UTOPIAN)
2. PULSATING WAVES (REALITY)
3. DON'T LOOK BACK, RUN (TRAUMA)

O desafio lançado pelo Balletteatro para a conceção e realização de um trabalho que se pudesse integrar no âmbito das atividades do colóquio “revoluções” e, particularmente, do espetáculo dirigido por Né Barros, apresenta-se como mais uma excelente oportunidade para por em jogo todas as possibilidades em aberto que o coletivo Haarvöl sempre tem abraçado com a maior vontade.

Neste tempo que parece não ter tempo, concentrado que está na instantaneidade do presente perpétuo, o R project tem a ambição de se corporizar na idealização formal das três camadas decisivas do tempo: o passado, o presente e o futuro. Passa necessariamente por aqui a ideia emancipadora que assiste à prática artística, embebida nessa lógica de resistência que é sempre a apresentação e receção de uma nova obra concebida pelo coletivo Haarvöl.

Para este projeto, então, aquilo que é proposto é a realização de um novo corpo de sons e imagens que juntos irão dar corpo ao R project.

Num aceso debate que produziram em 1964 e depois publicado num livro titulado *The utopian function of art and literature* Adorno e Ernst Bloch discutiram o problema da utopia como possibilidade. É nesse contexto que Bloch lança a noção do “something's missing” para procurar configurar a possibilidade utópica. É, também, a partir da noção de Bloch que se corporiza a possibilidade de pensar e tornar forma toda a essência utópica revolucionária que preside aos desenvolvimentos emancipatórios. Este “antes” é decisivo para o entendimento da ideia de revolução. É neste antes que se produzem as possibilidades necessárias e onde, sobretudo, se situam as aspirações utópicas de fratura e mudança. O algo que falta blochiano conduz a ideia emancipatória a partir desse lugar sem lugar que é a utopia. Ou, dito de outra forma, potencia a imensidão do pensamento sem limitações. A eferescência revolucionária do antes é, talvez, a condição mais essencial na aproximação à ideia de revolução. Exatamente por não se deparar com nenhum limite, por se situar nesse lugar sem lugar. Mas é a partir dessa constatação que podemos lidar com a potência do pensamento livre, com a intencionalidade imensa desse algo que falta que,

por ser, antes de mais, um algo naturalmente poroso e nubloso, se oferece à beleza imensa da abertura total. Será aí, na corporização desmaterializada do pensamento livre, que todo o processo se desenvolve e é, também, na possibilidade da arte como lugar de liberdade (mais um lugar sem lugar que existe somente entre o artista e o seu trabalho numa dimensão utópica) que ele tem a sua representação mais aproximada. Nunca chegaremos a possuir esse algo que falta, mas, é essa a sua importância e a sua decisiva condição para nos tornar homens que pensam em nome próprio e que entendem a dissensão e o antagonismo como naturais num contexto que é, sempre, adverso.

2. PULSATING WAVES (REALITY)

As *pulse tone waves* são frequências que se corporizam numa espécie de pulsar cadenciado que é, ao mesmo tempo, decisivo para todos os humanos e metaforicamente para a revolução. Sentir o pulsar dos acontecimentos, da agitação, da fratura é essencial para o momento revolucionário. É esta espécie de auscultação contínua que determina o sucesso ou, antes, a inversão de todo o movimento emancipatório em processo de transfiguração pragmática que, por óbvia ineficácia, se torna implosivo. As pulsações dos acontecimentos afirmam-se, assim, como motor decisivo e, contudo, perante o enfraquecimento da pulsão utópica no seu embate inevitável com a realidade, tudo se modifica. A passagem de um momento ao outro traz consigo a presença do agora e as consequentes modificações estruturais que a impossibilidade utópica necessita para se manter como impulso emancipatório. Será então na transfiguração programática do acontecimento revolucionário que se joga a sua pulsação, mais ou menos forte, mas nunca ausente. O choque decisivo afirma, também, a realidade despida de toda a pulsão romântica que enforma a utopia revolucionária. A fratura induz ao realismo e esse não é, nunca, a face sonhada da emancipação. Dizem-nos no seu último livro os elementos do Comité Invisível que “Todas as razões para fazer uma revolução estão aí. Não falta nenhuma. O naufrágio da política, a arrogância dos poderosos, o reinado do falso, a vulgaridade dos ricos, os cataclismos da indústria, a miséria galopante, a exploração nua, o apocalipse ecológico... não se nos privam de nada, nem sequer de estarmos informados disso. «Clima: 2016 bate record de calor» diz o *Le Monde* no seu título principal, agora já como quase todos os anos. Todas as razões estão reunidas, mas não são as razões que fazem as revoluções; são os corpos. E os corpos estão em frente aos écrans.”
Pois.



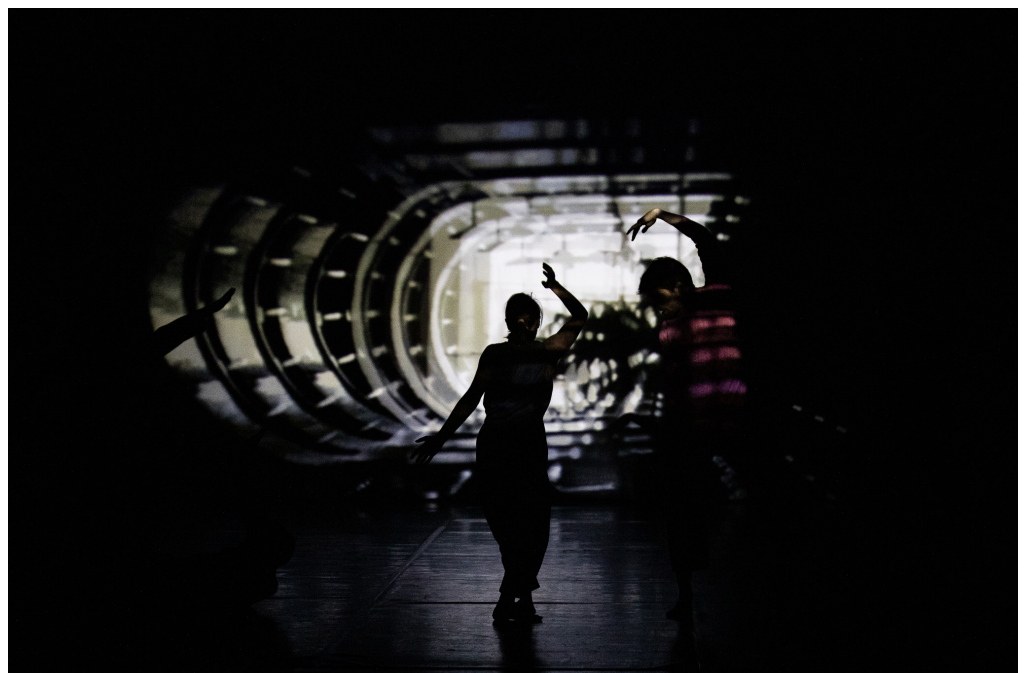
3. DON'T LOOK BACK, RUN (TRAUMA)

Diz Hal Foster no seu livro seminal *The Return of the Real*, “Um evento só é registado através de um outro que o recodifica; chegamos a ser aquilo que somos somente como ação diferida (*Nachträglichkeit*). É esta a analogia que quero salientar para os estudos modernistas deste final de século: vanguardas históricas e neo-vanguardas são constituídas de forma similar, como um processo contínuo de protensão e retenção, uma complexa retransmissão de futuros antecipados e passados reconstruídos — quer dizer, numa ação diferida que abandona

qualquer esquema simplificado de um antes e um depois, causa e efeito, origem e repetição". O mesmo esquema de pensamento pode ser utilizado para analisar o acontecimento revolucionário na sua complexa estruturação e temporalidade. Um evento emancipatório só se pode constituir se recodificar traumáticamente eventos passados similares o que significará, obviamente, uma aprendizagem que lhe trará a possibilidade de introdução das necessárias alterações a ser realizadas. Quer dizer, ainda de acordo com Foster, que os acontecimentos emancipatórios são, por isso, menos novos e mais diferidos. Reprimidos em parte, retornarão e continuarão a retornar e, contudo, retornarão do futuro, tal é a temporalidade paradoxal da utopia.

NOTA: A determinada altura do livro *O estado de exceção* de Giorgio Agamben o autor refere-se a uma questão determinante: o ponto de vista que, neste contexto, é determinado a partir de uma ordem jurídica que requer reconhecimento por uma outra que se lhe opõe. Diz o filósofo citando o jurista italiano Santi Romano: "...depois de ter reconhecido a natureza antijurídica das forças revolucionárias, acrescenta que tal só funciona desta forma em relação ao direito positivo do Estado contra o qual se dirige, mas isto não quer dizer que, de um ponto de vista bem diferente, desde o qual elas se definem a si mesmas, não seja um movimento ordenado e regulado pelo seu próprio direito. O que também quer dizer que é um ordenamento que se deve classificar na categoria dos ordenamentos jurídicos originários, no sentido que se atribui a esta expressão. Neste sentido e dentro dos limites que foram indicados pode-se, portanto, falar de um direito da revolução."

Quer dizer, ainda na perspectiva de Agamben, que a ideia da ordenação jurídica do Estado ser a única, por se opor eficazmente ao que normalmente é designado por caos é, antes de mais, redutora e falaciosa. Uma coisa, contudo, é correta: toda a estruturação mental relativa à dualidade exclusão vs. inclusão depende única e simplesmente do ponto de vista. E este é, talvez, o ponto mais importante para tornar claro o relacionamento que é intrínseco e impossível de ocultar, antes de mais, porque ele é, também, a fonte da essencialidade do político, isto é, a necessária constatação do antagonismo. É, por isso, o lugar onde queremos estar.





© PAULO PIMENTA // PÚBLICO



© PAULO PIMENTA // PÚBLICO

NÉ BARROS

Né Barros é coreógrafa e bailarina, ao longo da sua carreira tem desenvolvido em ligação os seus trabalhos artísticos com os científicos. É doutorada em Dança (FMH, UTL), Master of Arts in Dance Studies no Laban Centre (City University, Londres) e investigadora no Instituto de Filosofia no Grupo de Estética, Política e Conhecimento (UP). Iniciou a sua formação em dança clássica e, mais tarde, trabalhou dança contemporânea e composição coreográfica nos Estados Unidos, no Smith College. Fez o curso superior de Teatro na ESAP. Nos seus projetos tem colaborado com artistas nas áreas da fotografia, música, artes plásticas e cinema. Além do Balleteatro, estrutura que dirige e fundou, trabalhou com a Companhia Nacional de Bailado, com o Ballet Gulbenkian e com a companhia lituana Aura. É professora na ESAP e tem colaborado com diversas instituições como formadora. Fundou o Balleteatro e co-dirige o festival de cinema Family Film Project. Publicou livros e diversos artigos

HAARVÖL

Haarvöl é um projeto eletrónico / experimental com sede em Portugal e que trabalha desde o final de 2012. No seu núcleo estão Fernando José Pereira e João Faria, mas desde o início está aberto a colaborações com outros. Como já aconteceu com Paulo Rodrigues e Xoan-Xil Lopez (um especialista espanhol em gravações de campo) e, ultimamente, com a junção de Rui Manuel Vieira (um artista visual) que agora é responsável por toda a componente visual da banda. A música de Haarvöl é conceptualmente desenvolvida como exploração das propriedades do som para alcançar ambientes cinematográficos e de imagem. Os sons não se restringem às suas origens media: fontes digitais e analógicas são usadas e misturadas em composições intrincadas com especial atenção aos detalhes. A ênfase na interacção não-ilustrativa de som com imagens é evidente nos vídeos propositadamente preparados para certas composições. Três álbuns compreendem a discografia de Haarvöl. Hebetude foi lançado em 2014 pela editora portuguesa PA D / Easy Pieces. Indite foi lançado em 2015 e já este ano Bombinate na editora holandesa Moving Furniture Records. As suas instalações exploram profundamente as possibilidades site-specific para criar uma experiência inteira e intensa no público. Algumas dessas instalações foram apresentadas em eventos importantes no campo da arte contemporânea como a Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra, Portugal (2015) ou no Museu de Serralves, Porto, Portugal (2016).

JOSÉ ALBERTO GOMES

José Alberto Gomes é músico, artista sonoro e curador, nascido no Porto em 1983. Completou o curso de piano do Conservatório do Porto e em 2007 finalizou a licenciatura em Composição na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo. Criou laços muito fortes com as novas possibilidades tecnológicas musicais e o papel da música no teatro, cinema, instalações, tendo especial interesse em procurar novas formas e novos "lugares" musicais. Doutoramento em Computer Music pela Universidade Católica Portuguesa tem estado ligado ao ensino na área da arte e novos media, tendo passado por vários cursos como Composição na ESMAE-IPP, Música Electrónica e Produção Musical na ESART-IPCA ou Mestrado de Media e Artes Digitais na Universidade do Minho, entre outros. Actualmente é coordenador do Serviço Educativo Braga Media Arts (Cidade Criativa da UNESCO no domínio das Media Arts) onde desenvolve e orienta conteúdos, espectáculos e projectos de criação artística ligada às novas tecnologias na arte, comunidade e educação. É docente na Escola das Artes - UCP, no Mestrado em Engenharia em Desenvolvimento em Jogos Digitais - IPCA e no Doutoramento de Media e Arte Digital na Universidade Aberta. Apresenta-se, regularmente, em público em projectos a solo, colectivos ou em parcerias, ex.: BlackKoyote, Digitópia Collective, Srosh Ensemble, Hans-Joachim Roedelius, Gustavo Costa, Ricardo Jacinto, Henrique Portovedo, Jon Rose, etc., nas áreas de música e sonoplastia para peças de teatro e video, ex. From Peter Handke's Essay about the Successful Day - Teatro da Comuna; Longe - FITEIRivoli; Cidade Domingo - Teatro Oficina/Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura; Prometeu - Teatro de Formas Animadas; Ínsua - Ruptura Silenciosa; como criador e developer de instalações sonoras, ex. A Perpetuação do tempo sob o presente - 23.03/Journées Européennes du Patrimoine; Re-Interpretação Urbana - Fundação de Serralves; Substantive Derivative - Emiliano Zelada/Ingresso Pericoloso; e como compositor para electrónica e ensemble instrumental, ex. At the still point of the turbina world, Joana Gama e Luís Fernandes, Drumming GP, Nuno Aroso, João Dias, Henrique Portovedo, FactorE, Srosh Ensemble/Fundação de Serralves, Orquestra Estúdio/Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura.



© PAULO PIMENTA // PÚBLICO

RECORTES DE IMPRENSA

Ípsilon, Público

<http://bit.ly/IPSILON>

P2, Público

<http://bit.ly/P2-PUBLICO>

Guia do Lazer, Público

<http://bit.ly/GUIA-DO-LAZER>

UP TAP

<http://bit.ly/UP-DATE-TAP>

Jornal 2, RTP2

<http://bit.ly/RTP-2>

Jornal de Notícias

<http://bit.ly/JORNAL-DE-NOTICIAS>

Visão

<http://bit.ly/VISAO-REVISTA>

Evasões

<http://bit.ly/EVASOES>

Portugal News

<http://bit.ly/PORTUGAL-NEWS>

Global News

<http://bit.ly/GLOBAL-NEWS>

SIC Notícias Cartaz

<http://bit.ly/SIC-NOTICIAS>

Porto.pt

http://bit.ly/CM_PORTO

Jornal I

<http://bit.ly/JORNAL-I>

O Primeiro de Janeiro

<http://bit.ly/O-PRIMEIRO-DE-JANEIRO>

Visit Portugal

<http://bit.ly/VISIT-PORTUGAL>

CNC

<http://bit.ly/E-CULTURA>

Destak

<http://bit.ly/DESTAK>

Diário de Notícias

<http://bit.ly/DIARIO-DE-NOTICIAS>

Impala

<http://bit.ly/IMPALA-ONLINE>

Lusa

<http://bit.ly/AGENCIA-LUSA>

Notícias ao Minuto

<http://bit.ly/NOTICIAS-AO-MINUTO>

Porto Canal Online

<http://bit.ly/PORTO-CANAL>

PT Jornal

<http://bit.ly/PT-JORNAL>

Sapo

<http://bit.ly/SAPO-noticias>

TSF Online

<http://bit.ly/TSF-NOTICIAS>

JUP

<http://bit.ly/JUP-ONLINE>

Glam Magazine

<http://bit.ly/GLAM-MAGAZINE>

CONTACTOS E INFORMAÇÕES

Lucinda Gomes – Produtora

tel: 935 239 023

producao@balletatro.pt

balletatro.pt

Fotografias do espetáculo e materiais de divulgação

http://bit.ly/presskit_revolucoes

Teaser

http://bit.ly/teaser_revolucoes

balletteatro é uma estrutura financiada por:



estrutura residente no:



balletteatro.pt